

De Montanha a Montanha

António Meireles

Instituto Politécnico de Bragança PT

Os contextos que nos envolvem são tão importantes que em muitas circunstâncias somos conduzidos por eles. Não nos podemos esquecer, porém, que também somos os contextos e que, mesmo que numa medida muito pequena, os podemos criar, alterar ou anular.

Podemos olhar a montanha ou tentar ser a montanha.

Como muitas pessoas, desenho desde que me lembro. Não é relevante se o faço bem ou mal, mas o fato de o fazer e de o querer fazer. As ações, sensações e pensamentos que envolvem o desenho têm-me levado por muitos caminhos, quase todos conscientes e voluntários. Afinal, o meio riscador é um prolongamento de nós próprios e não faz muito sentido que uma ação que idealizamos não se concretize em nós ou a partir de nós. Ou faz? Será mesmo necessário que uma grafia resulte de uma vontade consciente, ou possível o contrário? Procurando uma resposta a estas perguntas e a outras que, entretanto, se impuseram, tenho envidado esforços no sentido de desenvolver meios de desenho cujo funcionamento apresenta dificuldades a uma ação direta, perturbando as ações desenvolvidas pelo desenhador e obstaculizando a normal materialização de uma qualquer vontade consciente. São exemplo uma esferográfica com um disco metálico que se coloca a rodopiar, desenhando no percurso interessantes espirais (procure-se representar uma qualquer forma assim...), ou um marcador no fim de um cordel que se controla (?) em suspensão.

Através da operação destes meios gráficos obtêm-se resultados inesperados, permitindo, mediante dificuldades surpreendentes e por vezes caprichosas, abrir um conjunto de novas vias de exploração do desenho. Há também uma inegável componente lúdica que não está tão presente na operação de meios riscadores em condições regulares de funcionamento.

Outros meios exigem de algum modo uma ação indireta do desenhador, dependendo de um contexto móvel para serem operados. Consistem fundamentalmente em estruturas suportando e permitindo a mobilidade de meios riscadores, podendo em alguns casos conter o suporte, normalmente folhas de papel A4. Têm o nome esclarecedor de “esquisitógrafos”. Estes esquisitógrafos confirmaram a hipótese de que uma máquina de lavar roupa pode ser um bom gerador de grafias, bem como desenvolver uma série de desenhos com o título de “O meu carro desenha melhor que o teu”, porque colocados no interior de um automóvel que oscilava bastante.

Tendo conseguido com os esquisitógrafos excluir-me de um processo direto de geração do desenho, pelo menos em parte, porque dependendo de um contexto exterior, tal permitiu-me encarar outros campos de ação. Neste sentido e explorando a dupla imbatível de um esquisitógrafo e um automóvel, o desenho de paisagem pode ser gerado pela própria paisagem. Foi esta a premissa para desenhar o percurso entre Bragança, onde resido e trabalho e a Covilhã, onde decorreu o Encontro Internacional sobre Arte e Paisagem de Montanha. Assim, no dia 3 de novembro de 2018 percorri 243km de estradas municipais, estradas nacionais, itinerários principais e autoestradas com um esquisitógrafo adaptado para uma deslocação demorada. Explico-me: se um suporte A4 nestes aparelhos permitem desenhar um percurso realizado num automóvel, registando espaço e tempo, sucede que os associa através de sobreposições, tornando ilegível a sucessão de ambos. Para visualizar tanto a progressão no espaço como no tempo, o esquisitógrafo foi equipado com cilindros com motor que suportando um rolo de papel, foram renovando a superfície do desenho. Marquei as passagens de tipologias de estrada pela troca de cores de marcadores (vermelho e preto).

A instalação “De montanha a montanha”, exposta no Museu de Lanifícios - Galeria das Vitrines, compreende o dispositivo de desenho, bem como o próprio desenho realizado no percurso entre duas zonas de montanha.

Seria este o desenho que realizaria do percurso efetuado caso controlasse os meios riscadores? Seguramente que não, mas o processo e o resultado foram interessantes e estimulantes. Não desenhando conscientemente e voluntariamente o percurso, a paisagem, ou mais especificamente as montanhas, procurei que estes elementos gerassem o seu próprio registo, oferecendo, não uma via de ação, mas antes uma reflexão.